

A escola e a construção da identidade de adolescentes autores de ato infracional

Resumo: Este artigo versa sobre como os adolescentes autores de ato infracional que cumprem medida socioeducativa de internação (MSEI) significam sua reinserção na vida escolar dentro da privação de liberdade e como este novo contato com a escola interfere na construção de sua identidade. Apresenta dados estatísticos, nacionais e regionais, relativos à escolaridade da população em geral e a de jovens envolvidos no cometimento de ato infracional, como forma de situar o leitor nesta realidade. A pesquisa utilizou-se da fotovoz como instrumento para a coleta de dados. Uma máquina fotográfica foi disponibilizada a cada um de seis adolescentes. Os participantes tinham idade entre 16 a 19 anos. Três com média de seis meses de cumprimento de MSEI e três com um ano ou mais. Foi solicitado que eles fotografassem o que era significativo para eles na internação e depois foram realizadas entrevistas para que eles pudessem falar das imagens. A escola foi fotografada por todos os adolescentes, que referiram a importância deste espaço na socioeducação e em suas vidas, percebendo a escolarização dentro da internação como um caminho possível de repensar o vínculo com a escola e desta enquanto possibilidade de reinserção social e profissional e de distanciamento da realidade infracional. Porém, faz-se necessário repensar a escola fora das unidades com vistas a manter esta ligação do jovem com este espaço de construção de identidade.

Palavras-chave: Escola. Adolescência. Conflito com a lei. Medidas socioeducacionais.

Andréa Sandoval Padovani
Universidade Federal da Bahia
ajpadovani@uol.com.br

Marilena Ristum
Universidade Federal da Bahia
ristum@ufba.br

Introdução

A defasagem escolar é considerada uma acentuada discrepância entre idade e série escolar, estabelecida pelo Ministério da Educação (MEC) como a idade ideal para que o aluno esteja inserido em determinado nível escolar. Este índice se apresenta como um indicador sensível no campo da Educação, pois de acordo com o IBGE (2011a, grifo nosso) “[...] a eficiência do sistema educacional pode ser examinada através dos indicadores como a evolução das matrículas, as taxas de aprovação, repetência, de evasão e de *distorção série/idade*, nos níveis de ensino fundamental e médio”.

A defasagem escolar é uma grande preocupação entre pesquisadores e profissionais quando o assunto abordado é a realidade dos adolescentes autores de ato infracional. A falta de vínculo com a escola, evidenciada por constantes repetências, que levam à defasagem e à evasão, tem sido apontada por inúmeras pesquisas como um fator de risco para o envolvimento em atos infracionais e para sua continuidade (CRUZ NETO; MOREIRA; SUCENA, 2001;

GALLO; WILLIAMS, 2008; PADOVANI, 2006; PADOVANI; RISTUM, 2013; VOLPI, 2002, 2006; ZANELLA, 2010).

Conforme dados do Censo Escolar 2010, a população em idade escolar com distorção idade-série no ensino fundamental era de 18,5% nos anos iniciais e 29,6% nos anos finais; no ensino médio esta taxa era de 34,5% (IBGE, 2011). Entre os estados do Nordeste, a Bahia é o que apresenta o maior índice de distorção no ensino fundamental e o terceiro no ensino médio, além de apresentar um índice de analfabetismo de 6,1%, quase o dobro do índice nacional que é de 3,9%, demonstrando que o distanciamento da escola pode ser considerado um fator que torna crianças e jovens vulneráveis quanto ao envolvimento com atos infracionais, dentre outros riscos (INEP, 2011).

Outros indicadores que chamam a atenção são os relativos à evasão escolar e à reprovação, dados que caminham juntos, tendo em vista que muitos estudantes abandonam a escola após inúmeras reprovações. De acordo com a pesquisa *Educação no Brasil*, os índices de abandono na realidade baiana se mostraram superiores em relação à média nacional: 4,2% dos jovens abandonam o ensino fundamental em suas séries iniciais, 9,6% em suas séries finais (o dobro da média nacional) e 15,7% abandonam a escola no ensino médio (INEP, 2011).

Segundo o *Levantamento nacional de atendimento socioeducativo ao adolescente em conflito com a lei*, em dezembro de 2010, 12.041 adolescentes do sexo masculino cumpriam medida socioeducativa de internação no Brasil, sendo que na Bahia este número era de 278 jovens (BRASIL, 2011). Os índices apresentados pelo Conselho Nacional de Justiça revelam que os adolescentes entrevistados declararam ter parado de estudar entre 08 e 16 anos de idade, sendo que no Nordeste a média foi de 13,7 anos (BRASIL, 2012). Quanto à escolaridade, 86% do total de adolescentes privados de liberdade informaram ter cursado apenas até o ensino fundamental. No Nordeste este índice foi de 90%, demonstrando que a maioria destes adolescentes não conclui a formação básica, mesmo estando em idade de cursar o ensino médio (BRASIL, 2012).

A evasão pode estar associada à ineficácia dos métodos utilizados durante a escolarização, que mantém padrões distantes da realidade atual, em que o acesso à internet e a outros meios de comunicação e, com isso, a uma gama de informações, transforma a escola em um espaço pouco atraente e ultrapassado. Outro fator

se deve ao fato de a escola não estar preparada para receber alunos que diferem entre si, tendendo a classificá-los como alunos problemáticos, agressivos ou incapazes, colaborando para que a evasão do espaço escolar e para a construção de uma identidade pautada na incapacidade e, muitas vezes, na vida infracional (GALLO; WILLIAMS, 2005).

Dados encontrados nesta pesquisa demonstraram que 49% dos adolescentes que cumpriam MSEI estavam matriculados no Ensino Fundamental I e 42% no Ensino Fundamental II; considerando-se a idade média de 17 anos, os dados confirmam a defasagem escolar característica desta população que, de acordo com os parâmetros do MEC, deveria estar cursando o Ensino Médio, fato que ocorria com apenas 9% destes jovens. Entre os adolescentes participantes, a escolaridade, no momento do ato infracional, era relativa às séries iniciais do Ensino Fundamental, confirmando a defasagem escolar relativa a esta população que não concluiu a formação escolar esperada para esta faixa etária. Vale ressaltar que, dentre os entrevistados, três jovens se declararam analfabetos e apenas um encontrava-se estudando no momento da apreensão; os demais haviam abandonado a escola após inúmeras reprovações e/ou expulsões.

Pesquisas sobre adolescentes autores de ato infracional demonstram que o desinteresse pela escola foi motivado pela ação da própria escola. Esta, ao generalizar e homogeneizar as características dos alunos, não está atenta às diferenças, reproduzindo desigualdades e, assim, desvinculando da aprendizagem, os aspectos sociais e individuais relativos ao aluno. Acabam, então, por afastar o jovem do processo de escolarização. Tudo isso associado à necessidade de trabalhar e à dificuldade em conciliar estudo e trabalho, além de frequentes desentendimentos com professores e colegas, bem como as dificuldades de aprendizagem e as instabilidades emocionais e sociais que afetam esta população, criam um círculo de exclusão deste jovem à vida escolar (ASSIS; CONSTANTINO, 2005; MARSICO; IANNACCONE, 2012; PADOVANI; RISTUM, 2013; TEJADAS, 2005; VALLE, 2003; VOLPI, 2001, 2002; ZANELLA, 2010).

Contudo, se a escola, em algum momento, foi excludente na vida destes adolescentes, enquanto em liberdade, durante o cumprimento da medida socioeducativa, “[...] as escolas que atendem adolescentes em conflito com a lei precisam ser especiais, não para mais um estigma, mas para considerar todas as peculiaridades que

esta passagem pelo sistema impõe” (FASE, 2002, p. 43). Conforme nos aponta Gallo e Williams (2005), a escola pode ser considerada um fator de proteção aos jovens, podendo reduzir o envolvimento em atos infracionais e a severidade das infrações, bem como o consumo de drogas.

O processo de desenvolvimento da personalidade, de acordo com Vigotski (2006), passa pela internalização das relações sociais. Na adolescência, este processo se intensifica, porém não é uniforme, diferenciando-se de acordo com o contexto no qual o jovem está inserido e com sua história de vida. Para o autor, a adolescência apresenta mudanças no pensamento e no comportamento humano, orientadas por um complexo desenvolvimento sociocultural e biológico (VIGOTSKI, 2006).

A adolescência é caracterizada por mudanças que afetam os aspectos físicos, sexuais, cognitivos e emocionais, de forma não linear, trazendo consigo algumas dificuldades ao impor uma nova representação de si, um novo conjunto de crenças e sentimentos e uma nova forma de relacionar-se consigo mesmo e com o mundo que o cerca. Novas identificações são construídas, dando espaço a novos valores, a um reconhecer-se diferente, junto ao desafio em lidar com influências externas, exigências dos grupos e com uma diferente visão de mundo, além da construção de um projeto de vida (COSTA, 1997; CRUZ NETO; MOREIRA, 1998).

As estruturas sociais e mentais têm raízes históricas; desta maneira, ambas são construídas na relação com cultura na qual estão inseridas (VIGOTSKI, 2003). Assim, a cultura está presente na forma como os indivíduos significam sua realidade, de forma que a constituição da subjetividade deve ser analisada enquanto “[...] sistema complexo, produzido nos níveis social e individual, simultaneamente” (SANTOS, 2010, p. 109), já que a subjetividade atua sobre a realidade, modificando-a e é por ela modificada, num processo dialético. Conforme cita Ristum (2001), o homem, ao agir sobre a realidade cria através desta ação, novas condições para sua vivência, evidenciando a impossibilidade de desvinculação entre indivíduo e sociedade.

Neste processo, a escola pode tornar-se uma oportunidade de inclusão social e é extremamente importante que sua estrutura, proposta e ação pedagógicas garantam uma educação social, que busque desenvolver atitudes e habilidades, de modo a possibilitar ao jovem uma ampliação de sua compreensão de mundo, preparando

os adolescentes para o convívio social, para atuar como pessoas e futuros profissionais, visando o protagonismo juvenil (COSTA, 2006; FACCI, 2010; PADOVANI; RISTUM, 2013; VOLPI, 2002, 2006).

As experiências individuais, dentro e fora da escola, irão afetar a construção da identidade do jovem, e este processo é único, pois está pautado no encontro deste indivíduo com o seu contexto e em determinado tempo. A escola é, portanto, um espaço de apropriação da cultura e participação social ativa, que irá contribuir para a relação deste sujeito consigo mesmo e com o mundo que o cerca (MARSICO; IANNACCONE, 2012).

A compreensão do self não é possível sem a existência do outro, “[...] da interação social ocorrida em contextos socioinstitucionais concretos, tendo como principal meio de organização a linguagem humana” (OLIVEIRA; VIEIRA, 2006, p. 70). O self envolve conhecimento, conceitos, crenças e valores que o indivíduo tem sobre si mesmo, sobre o outro e sobre a realidade, em determinado momento e contexto. De acordo com Valsiner (1989), o self pode ser definido como um sistema que integra a cultura pessoal, em que se incluem o afeto e a racionalidade, construída a partir do social, de forma idiossincrática. A ideia racional está imersa em contextos afetivos e os sentimentos estão ligados a alguma forma de pensamento sobre si mesmo ou sobre o mundo. Neste processo de construção da identidade, a escola é parte essencial enquanto dimensão socioinstitucional.

Conforme nos coloca Marsico e Iannaccone (2012), uma parte de nós é perpassada pelo contexto escolar e é, portanto, formada na e com a escola, constituindo o que os autores chamaram de self educacional. A escola é um espaço de experiências e, portanto, de formação da identidade, tendo um papel importante na vida dos indivíduos. A experiência escolar é, então, relevante na constituição da identidade e acompanha todo o desenvolvimento até a adultez, definindo o modo de ser e de agir no mundo (MARSICO; IANNACCONE, 2012).

A identidade educacional, portanto, é uma dimensão específica do self, regulada pelo processo que emerge da experiência do indivíduo em sua relação com o contexto escolar. É formada pelo legado simbólico que envolve valores, narrativas e estados afetivos estabelecidos durante a vida educacional pessoal, pois este legado simbólico será utilizado durante o desenvolvimento do sujeito para regular e modular a interação deste com o mundo, influenciando

sua vida pessoal e profissional. Contudo, a dimensão educacional do self não pode ser desvinculada de outras dimensões, pois está inserida em uma cultura que a influencia e é por ela influenciada e que interage de forma dialética com todas as outras dimensões que estruturam a identidade (MARSICO; IANNACCONE, 2012).

A educação pode ampliar a capacidade de pensar. A valorização da escola contribui para a formação de um homem preocupado com a coletividade, capaz de empreender ações que possam transformar a sociedade. Esta formação pode ser traduzida na promoção de mudanças que objetivam aprimorar o convívio social (VIGOTSKI, 2004).

O grande desafio das unidades de internação é buscar uma maneira de contribuir para “[...] reverter essa situação (de vulnerabilidade dos jovens que lá se encontram) com atividades pedagógicas que permitam aos adolescentes ter uma experiência dos processos de socialização e aprendizagem” (GONZALEZ, 2006, p. 41), fazendo com que estes adolescentes a percebam como uma fonte de transformação para sua realidade. Para o autor, o principal aspecto do projeto socioeducativo é a “[...] construção de uma educação que dê conta do dia-a-dia de todo o desenvolvimento individual e coletivo dos processos de socialização e educação do adolescente... com base na integração dos aspectos afetivo, intelectual e coletivo” (GONZALEZ, 2006, p. 44).

Por isso, o atendimento aos adolescentes que cometeram atos infracionais deve se pautar não apenas em sanções, punições ou ações de natureza coercitiva, mas, antes de tudo, em aspectos educativos, com a garantia de proteção integral e atendimento aos direitos, através de um conjunto de ações que possam lhe proporcionar uma “[...] educação formal, profissionalização, saúde, lazer e demais direitos assegurados legalmente” (VOLPI, 2002, p. 14).

A pesquisa

O presente trabalho, recorte de uma pesquisa de mestrado, pretendeu investigar os significados e os sentidos de escola para os adolescentes autores de ato infracional, como forma de abrir uma porta para melhorar a educação dentro e fora dos muros das unidades de internação. Segundo Vigotski (2003), os significados são socialmente construídos, a partir da interpretação dada pelo sujeito em seu contexto sócio-histórico. Esta interpretação ao ser

integrada à história de vida, à afetividade, à subjetividade, produz sentidos. Os sentidos são individualizados já que vivenciados pelos indivíduos de forma pessoal (MESQUITA, 2005; RISTUM, 2001; SANTOS, 2010).

Os participantes da pesquisa foram seis adolescentes com idade entre 16 e 19 anos, sendo que três cumpriam medida de internação há cerca de seis meses, e três, há um ano e meio ou mais, em uma Comunidade de Atendimento Socioeducativa (Case), localizada em uma capital. Os nomes utilizados neste trabalho são fictícios e foram escolhidos pelos próprios adolescentes.

Para a coleta de dados utilizou-se da fotovoz, possibilitando, aos adolescentes, demonstrar o que era por eles percebido como importante dentro da unidade de internação. Os adolescentes receberam máquinas fotográficas descartáveis e foi sugerido que fotografassem o significado da medida de internação em suas vidas. Posteriormente, foram realizados dois encontros para que os participantes falassem sobre estas imagens, de forma livre, abrindo-se espaço para que os adolescentes compartilhassem suas experiências e sentimentos frente à privação de liberdade.

A fotovoz (*photovoice*) é uma técnica que possibilita aos indivíduos identificar, representar e refletir sobre sua realidade. De posse das câmeras fotográficas, os participantes puderam apoderar-se desta realidade, refletindo sobre a mesma e sobre as mudanças que este contexto trouxe para sua vida (SARTORIO, 2011; STRACK; MAGILL; MCDONAGH, 2004; WANG; BURRIS, 1997). Ao falar sobre as imagens, os sujeitos falam também de si, de suas histórias e de como vivenciam a privação de liberdade. E esta interpretação dada pelos sujeitos os faz dar novos significados e sentidos ao vivido.

Entre os significados dados pelos adolescentes pesquisados à medida socioeducativa de internação, os espaços de aprendizagem apresentaram-se como espaços essenciais neste processo. E a escola surgiu como um lugar central na medida socioeducativa, fazendo parte do repertório fotográfico e discursivo. Estes dados vêm corroborar o discurso dos educadores de medida que atuam na unidade, sobre a importância da escola dentro da MSEI e com papel essencial para a formação social e profissional destes sujeitos (PADOVANI; RISTUM, 2013).

A escola é percebida pelos jovens como uma possibilidade de mudança, uma ligação com uma nova vida, distante da criminalidade. A educação, antes distante da realidade do jovem autor de

ato infracional, torna-se porta de entrada para o mundo do trabalho e um caminho de construção de uma nova identidade.

Entre os jovens que falaram da escola, alguns significados e sentidos se destacaram pela importância dada a este espaço como um espaço de transformação de si e da realidade.

Belo, um jovem de 16 anos, matriculado na 8ª série do Ensino Fundamental, ao dizer: *“eu falo mais escrevendo, que vem mais ideia na cabeça”* (Belo, 16 anos), demonstrou que se sente mais à vontade ao escrever do que ao falar. Contou que faria uma redação para a aula de Português sobre sua vida: *“vai ter uma redação aí pra fazer da nossa história, é pra escrever nossa história pra aula de Português”*, demonstrando que a escola, ao proporcionar esta atividade de escrita, possibilita que o jovem reflita sobre si mesmo e sobre seu passado, com vistas a modificar o futuro. Belo ainda explicou que *“quando eu começar a escrever, aí nós vai digitar no computador”*, mostrando a possibilidade de interação da educação formal com outros saberes, como a informática.

Como já dito anteriormente, a escola é um espaço de apropriação da cultura e participação social ativa, sendo que as atividades escolares possibilitam não apenas a aprendizagem, mas o autoconhecimento e a construção da personalidade (MARSICO; IANNACCONE, 2012).

A escola pode ser um espaço onde elementos da cultura vivida podem manifestar-se juntamente com os conteúdos das disciplinas, fazendo da sala de aula um espaço de observação e descrição da vida dos sujeitos, unindo o vivido ao conhecimento científico, demonstrando a importância da educação no pleno exercício da cidadania, utilizando-se das novas tecnologias para a produção política, cultural e econômica (SARAIVA, 2006). Para o jovem Dinho, de 19 anos, a escola significa *“aprendizado, capacitação e, mais importante, sabedoria... significa oportunidades... oportunidades que eu não tinha lá fora... capacitação, estudo, cursos, conhecimentos.”*

A educação não é percebida apenas como o acesso ao conhecimento, mas é vista como uma saída para uma mudança de vida pessoal e social (MARSICO; IANNACCONE, 2012). A escola, portanto, como parte da medida socioeducativa, deveria oferecer ações que agregassem “[...] elementos novos à identidade, que valorizassem as potencialidades e proporcionassem, através da experiência social, a vivência de valores na vida dos adolescentes” (TEJADAS, 2005, p. 8).

O adolescente Bibia, de 17 anos, cursava a 8ª série do Ensino Fundamental e um curso profissionalizante de serralheria, no momento da apreensão. O jovem relata nunca ter se desvinculado da escola; o ato infracional, na vida deste adolescente, foi uma fatalidade, diferenciando sua história da maioria dos jovens em cumprimento de MSEI. Para ele, a escola

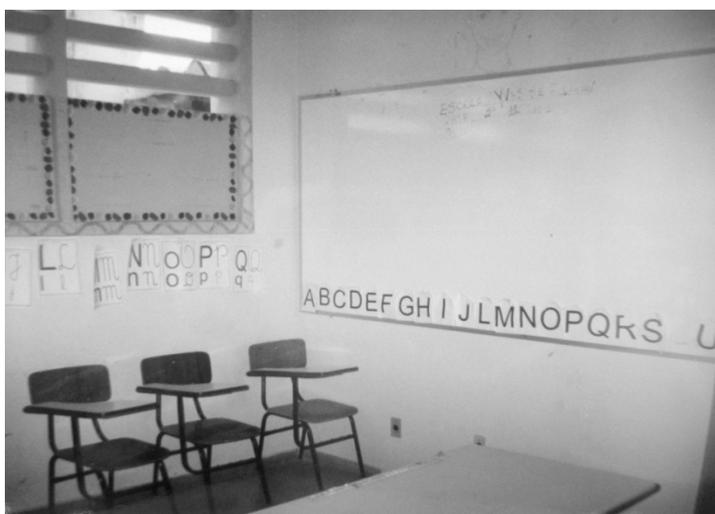
[...] é pra aprender algumas coisas e sair daqui com novas chances de ser alguém na vida... a escola é muito importante... significa muito... é nosso meio de aprender pra modo de ser alguém na vida, a escola eu vou te dizer que é tudo na vida, sem escolaridade a gente não é nada.

Sua fala vai ao encontro do que é apresentado na pesquisa realizada por Marsico e Iannaccone (2012), sobre a função da escola, enquanto fator essencial para a formação do eu, para a formação de um sujeito aceito socialmente. Ao valorizar a educação e o sujeito que estuda, acaba por se valorizar a personalidade. De acordo com Saraiva (2006), tanto a escola quanto a educação são ferramentas que, junto a outros instrumentos, são eficazes no acesso a oportunidades positivas, que possibilitam romper o círculo de exclusão, de violência e de adversidades que circundam a vida destes jovens.

Rafael, 17 anos, foi o jovem que mais chamou a atenção sobre o tema. Ele abandonou os estudos há mais de quatro anos e, para ele, retornar à escola significa mais do que aprender a ler e a escrever, é uma possibilidade de inserção no mercado de trabalho. Conta que chegou à unidade analfabeto, mesmo tendo cursado até a 2ª série do Ensino Fundamental. Diante da foto da escola, Rafael diz:

Vamos para a melhor (foto). Aqui é o colégio... aqui nós tem nosso aprendizado... aqui é onde nós aprende a ler e escrever, falar das coisas... a foto do colégio que é uma coisa importante.

Figura 1 – Sala de aula



O trabalho junto aos adolescentes privados de liberdade possibilita perceber os avanços educacionais através da conclusão das disciplinas, do avanço nas séries e níveis escolares (ZANELLA, 2010). A autora ressalta que, durante o cumprimento da MSEI, os jovens gostam de estudar, pois se deparam com um atendimento diferenciado e individualizado, com apoio dos professores, técnicos e educadores, o que se traduz na disposição de retomar os estudos após sua liberação, superando as dificuldades anteriores.

Rafael demonstrou o gosto pela escola ao fotografar vários de seus espaços, entre eles as salas de aula, as carteiras, os quadros, a TV, e, principalmente, as atividades desenvolvidas neste ambiente, fazendo questão de falar sobre elas:

[...] aqui é quando a gente vai fazer uma aula, eles bota um filme... pra nois poder assistir e poder fazer nosso dever porque tá dentro da sala de aula... aqui tá o armário... essa foto aqui foi antes do Carnaval... tava começando o Carnaval, você pode ver aqui a mulher tá enfeitando.

Figura 2 – Comemoração do Carnaval realizada na Escola



As atividades, realizadas na unidade, como a comemoração do Carnaval, corroboram a fala de Zanella (2010), de que as atividades coletivas, proporcionadas pelos professores e demais profissionais, permitem ampliar o fazer pedagógico e podem refletir uma troca cotidiana, permitindo que os jovens superem suas dificuldades com a escola, aproximando-os até mesmo afetivamente, da realidade escolar.

Ao falar do seu maior sonho, Rafael diz querer um emprego, e refere a escolarização como essencial para a realização deste sonho: *"...achar um emprego... eu nunca tive boa frequência assim de escola, de saber ler, não sei, o que eu tô sabendo comecei a saber agora"*. Rafael traz a relação da escola com o trabalho, confirmando um significado socialmente compartilhado de que a escola possibilita a inserção no mercado de trabalho: *"todo mundo precisa estudar, porque pra arrumar um trabalho, um emprego, vai ter que estudar"*. Estudar começa a ter novo sentido para o adolescente e este começa a perceber que sua idade não é mais um obstáculo para a continuidade escolar: *"Penso em trabalhar de dia e estudar de noite. Fechar logo os estudos, tem tempo ainda. Vou fazer 18 anos, tem tempo demais...vou sair e focar nos estudos, tempo eu tenho"*. A escolarização, além de se relacionar com a possibilidade de emprego também surge, para o adolescente, como uma possibilidade de ascensão profissional, ao dizer que pretende *"estudar, depois formar o estudo, e arrumar um emprego melhor"*.

Rafael revela uma transformação não apenas em relação à escola, mas à vida, à forma de olhar o mundo ao seu redor e interagir com ele. Em suas palavras, descritas abaixo, o jovem demonstra que ao dar uma nova interpretação à realidade, refletindo sobre ela e agindo sobre esta realidade (ao retomar os estudos, por exemplo), alterando-a de forma significativa.

[...] aqui... tem a oficina... tem o colégio, tá tendo mais oportunidade do que no mundão. Porque no mundão o cara tinha a oportunidade, mas não queria saber disso... eu tinha (oportunidade) só que não ligava... No mundão eu tive chance assim de algumas coisas assim de escola e de trabalho, mas eu nunca dei valor...

Figura 3 - Escola



Tais resultados demonstram que se a escola dentro de uma unidade de internação pode ser atraente aos seus alunos, a escola, fora dos muros destas unidades, também pode tornar-se atraente desde que realize mudanças em seu atual modelo. Os resultados também convergem para a afirmação de Saraiva (2006) sobre a importância da escola nos espaços de medidas socioeducativas, já que a educação pode possibilitar mudanças no pensar e no agir, proporcionando o acesso a valores fundamentais para o desenvolvimento de si mesmo e da coletividade.

Algumas considerações

As medidas socioeducativas surgem como “punição e criação de condições para a não reincidência”, através do reordenamento de “[...] valores e padrões de conduta do sujeito transgressor” (CAMPOS; FRANCISCHINI, 2005, p. 270), buscando dar um novo significado aos seus padrões de socialização. E a escola tem um papel essencial, não apenas na prevenção da reincidência, mas também na prevenção do envolvimento com atos infracionais, já que, conforme indicado anteriormente, em inúmeras pesquisas sobre o tema, a baixa escolaridade é um fator de risco. Este fator torna vulnerável uma população de jovens que percebe a inserção escolar como algo distante de sua realidade.

Segundo Saraiva (2006), a escola pode tornar-se um espaço voltado ao exercício da cidadania, um espaço de resgate e afirmação de valores morais e éticos, porém, o que se assiste, são suas tentativas frustradas e suas dificuldades em ocupar esse espaço de responsabilidade social, não conseguindo promover uma educação de qualidade que se ocupe do desenvolvimento humano em suas dimensões cognitiva, afetiva, social e artística.

Contudo, percebermos que, ao vivenciar uma escola que proporciona a construção de uma identidade pautada no respeito ao outro, na convivência pacífica, na autonomia e na responsabilidade, o jovem pode desenvolver novas formas de se relacionar consigo mesmo e com o mundo que o cerca, possibilitando olhar a realidade com expectativas e oportunidades que antes não eram percebidas como possíveis.

Precisamos de uma escola, uma educação, dentro e fora dos muros da internação, que resgate o sentido de ser humano; de viver e existir das crianças e jovens, seus sonhos, sua esperança em um futuro melhor. Que promova a autonomia com responsabilidade e que possibilite a construção de um projeto de vida. Finalizamos com as palavras de Saraiva (2006, p. 79):

[...] a escola é uma excelente oportunidade para que crianças e jovens aprendam, cada um na sua singularidade. O convívio respeitoso no ambiente escolar constitui a melhor experiência moral que o aluno pode viver.

The school and the identity construction on adolescents who committed infraction acts

Abstract: this article is about how adolescents that committed infraction acts and fulfil measure social-educative internment create meanings about their reintegration on school days during the freedom deprivation and how this new contact with school interfere in their identity construction. Presenting national and regional statistical data about population in general and teenagers involved in infraction acts, educational level perpetration, to better situate the reader in a such reality. This research uses the photovoice technique as a tool for the data collection. A camera was given to each one of six adolescents. The participants have from 16 to 19 years old. Three of them had six months to fulfil measure social-educative in average and the others three had one year or even more. They were asked to take pictures of whatever was more important for them in the correctional facility, then interviews were performed to allow them to speak about the pictures. The school was photographed by all the adolescents, whose have talked about how important is this place in the social-education and in their lives, figuring it out the schooling inside the internment as a possible way to rethink the link with the school and the school with a social and professional reintegration opportunity and detachment from the infraction activities' reality. However its necessary to rethink the school outside the units to keep the adolescents' linked with this space proper to identity construction.

Keywords: School. Adolescent. Conflict with the law. Measure social-educative.

Referências

- ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P. Perspectivas de prevenção da infração juvenil masculina. *Ciência & Saúde Coletiva*, n. 10, n. 1, p. 81-90, 2005.
- CAMPOS, H. R.; FRANCISCHINI, R. Adolescente em conflito com a lei e medidas socioeducativas: limites e (im)possibilidades. *PSICO*, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 267-273, 2005.
- BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. *Panorama Nacional: a execução das medidas socioeducativas de internação Programa Justiça ao Jovem*, 2012. Disponível em: <www.cnj.jus.br.> Acesso em: ago. 2012.
- BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. *Levantamento Nacional do Atendimento Socioeducativo ao Adolescente em Conflito com a Lei de 2011*. Brasília, 2011.
- COSTA, A. C. G. *Pedagogia da presença: da solidão ao encontro*. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 1997.
- _____. (Coord.). *As bases éticas da ação socioeducativa: referenciais normativos e princípios norteadores*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2006.
- CRUZ NETO, O.; MOREIRA, M. R. Trabalho infanto-juvenil: motivações, aspectos legais e repercussão social. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 14, n. 2, p. 437-441, 1998.

CRUZ NETO, O.; MOREIRA, M. R.; SUCENA, L. F. M. *Nem soldados nem inocentes: juventude e tráfico de drogas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

FACCI, M. G. D. A escola é para poucos? A positividade da escola no desenvolvimento psicológico dos alunos em uma visão vygotskyana. *Psicologia Política*, v. 10, n. 20, p. 297-310, 2010.

FASE/RS - Fundação de Atendimento Socioeducativa do Rio Grande do Sul). *PEMSEIS* – Programa de Execução de Medidas Sócio-Educativas de Internação e de Semiliberdade do Rio Grande do Sul, 2002. Disponível em: <<http://www.fase.rs.gov.br/portal>>. Acesso em: jun. 2009.

GALLO, A. E.; WILLIAMS, L. C. A. Adolescentes em conflito com a lei: uma revisão dos fatores de risco para a conduta infracional. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 7, n. 1, p. 81-95, 2005.

GALLO, A. E.; WILLIAMS, L. C. A. A escola como fator de proteção à conduta infracional de adolescentes. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 38, n. 133, p. 41-59, 2008.

GONZALEZ, A. B. Experiências socioeducativas bem-sucedidas: subsídios para a discussão de políticas públicas nas unidades de internação socioeducativas (UISE). *Justiça, adolescente e ato infracional*. Brasília: ILANUD, 2006.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Escolar 2010*. Projeto UNFPA/BRASIL. Brasília: Departamento de População e Indicadores Sociais, 2011.

_____. *Séries Estatísticas & Séries Históricas*, 2011a. Disponível em: <http://serieestatisticas.ibge.gov.br/lista_tema.aspx?op=2&no=9>. Acesso em: ago. 2012.

INEP - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Diretoria de tratamento e disseminação de informações. *Educação no Brasil*, 2011. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-no-brasil/numeros>>. Acesso em: ago. 2012.

MARSICO, G.; IANNACCONE A. The Work of Schooling. In: VALSINER, J. (Ed.). *Oxford Handbook of Culture and Psychology*. New York: Oxford University Press, 2012. p. 830-868.

MESQUITA, G. R. *Significados de infância para professores do ensino fundamental*. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

OLIVEIRA, M. C. S. L.; VEIRA, A. O. M. Narrativas sobre a privação de liberdade e o desenvolvimento do self adolescente. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 67-83, jan./abr. 2006.

PADOVANI, A. S. *Diferenças entre iguais: um estudo sobre características de resiliência entre adolescentes comunitários e privados de liberdade*.

- Trabalho de Conclusão (Graduação em Psicologia) - Faculdade Rui Barbosa, Salvador, 2006. Disponível em: < <http://www.bvs-psi.org.br/tcc/201.pdf> > . Acesso em: jun. 2011.
- PADOVANI, A. S.; RISTUM, M. A escola como caminho socioeducativo para adolescentes privados de liberdade. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, 2013. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022013005000012&script=sci_arttext >
- RISTUM, M. *O conceito de violência de professoras do ensino fundamental*. 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.
- SANTOS, G. L. dos. *Significados e sentidos dos direitos entre adolescentes de Salvador*. 2010. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
- SARAIVA, L. G. *Medidas sócio-educativas e a escola: uma experiência de inclusão*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação na Ciência) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí (RS), 2006.
- SARTORIO, N. A. *Potencialidades e limitações do uso da fotografia na pesquisa qualitativa de enfermagem*. 2011. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- STRACK, R. W.; MAGILL, C.; MCDONAGH, K. Engaging Youth Through Photovoice. *Health Promotion Practice*, v. 5, n. 1, p. 49-58, 2004.
- TEJADAS, S. S. *As determinações da reincidência que emergem do sistema de atendimento ao adolescente autor de ato infracional*. 2005. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- VALLE, F. do. A reincidência de atos infracionais em adolescentes em conflito com a lei: marcas de uma subjetividade. In: BARROS, F. O. de (Coord.). *Tô fora: o adolescente fora da lei – o retorno da segregação*. Belo Horizonte: Del Rey, 2003.
- VALSINER, J. *Human development and culture: The social nature of personality and its study*. Lexington, MA: Lexington Books, 1989.
- VIGOTSKI, L. S. *Obras Escogidas IV*. Psicologia infantil. Madri: Machado Libros, 2006.
- _____. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores* (6a ed.). São Paulo: Martins Fontes, 1978/2003.
- _____. *Psicologia pedagógica*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- VOLPI, M. *Sem liberdade, sem direitos: a experiência de privação de liberdade na percepção dos adolescentes em conflito com a lei*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. (Org.). *O adolescente e o ato infracional*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. (Org.). *Adolescentes privados de liberdade: a normativa nacional e internacional & reflexões acerca da responsabilidade penal*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

WANG, C. C.; BURRIS, M. A. Photovoice: Concept, methodology, and use for participatory needs assessment. *Health Education & Behavior*, v. 24, n. 3, p. 367-387, 1997.

ZANELLA, M. N. Adolescente em conflito com a lei e escola: uma relação possível? *Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade*, n. 3, p. 4-22, 2010.

Recebido: 22/04/2013 | Aprovado: 03/09/2013

